



Acta Scientiarum. Education

ISSN: 2178-5198

eduem@uem.br

Universidade Estadual de Maringá
Brasil

Borges de Aguiar, Thiago

Abra esta carta após minha morte: escrita como testamento na correspondência entre Jan Hus e seu discípulo

Acta Scientiarum. Education, vol. 33, núm. 1, 2011, pp. 87-95

Universidade Estadual de Maringá
Paraná, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=303326603010>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica
Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal
Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

Abra esta carta após minha morte: escrita como testamento na correspondência entre Jan Hus e seu discípulo

Thiago Borges de Aguiar

Grupo de Estudos História da Educação e Religião, Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, Av. da Universidade, 304, 05508-040, São Paulo, São Paulo, Brasil. E-mail: tbaguiar@uol.com.br

RESUMO. O clérigo e educador Jan Hus, morto em 1415 pela fogueira do Concílio de Constança, escreveu duas cartas para seu discípulo Martin de Volyně, nas quais deixou um conjunto de instruções de distribuição de seus bens materiais e um rol de ensinamentos espirituais. As cartas eram semelhantes, sendo que a primeira só deveria ser aberta caso Martin recebesse de fonte segura a notícia da morte de Hus. Este texto analisa o contexto e o conteúdo dessas cartas em busca de indícios (conceito baseado no historiador Carlo Ginzburg) de uma ação educativa da parte do remetente e de uma transmissão de seu lugar de mestre para seu discípulo.

Palavras-chave: história da educação, boêmia, epistolografia, educadores.

ABSTRACT. *Open this letter after my death: writing as testament in the correspondence between Jan Hus and his disciple.* The priest and educator Jan Hus, who was killed by fire in 1415 the Council of Constance, wrote two letters to his disciple Martin of Volyně, in which left a set of instructions for distribution of their material possessions and an list of spiritual teachings. The letters were similar, and the first should only be opened if Martin received from a reliable source news of the death of Hus. This paper examines the context and content of these letters for clues (concept based on historian Carlo Ginzburg) from an educational activity on the part of the sender and the transmission of his place of master to his disciple.

Keywords: history of education, bohemia, epistolography, educators.

Introdução

Quando o clérigo Jan Hus da Boêmia estava prestes a partir para Constança, local no qual apresentaria suas ideias a respeito da Igreja para um Concílio, ele deixou escrita uma carta pessoal, lacrada, com instruções para que fosse aberta apenas caso chegasse, de uma fonte segura, a notícia de sua morte. Essa carta, escrita em outubro de 1414, foi destinada a Martin de Volyně.

Jan Hus estava no exílio quando escreveu essa carta. Ele se retirara de Praga, cidade na qual chefiava a Capela de Belém, local construído para a pregação em língua vernacular, visto que fora excomungado e a cidade colocada sob interdito. Passou dois anos em exílio quando soube da convocação do Concílio de Constança. Viajar até Constança e apresentar suas ideias seria uma boa oportunidade para convencer a Cúria romana que suas ideias não eram heréticas. Ou talvez seria entregar-se à fogueira. O fato de Hus ter deixado uma carta a ser aberta apenas após sua morte consiste num indício (GINZBURG, 1989, p. 177 e seg.) que a última possibilidade era plausível.

Neste artigo faremos a análise detalhada de duas cartas escritas por Hus a seu discípulo Martin de

Volyně, com vistas a compreender as temáticas nelas tratadas, seus contextos e o modo como o remetente as utilizou para transmitir seu legado educativo. Igualmente, por meio dessa análise, poderemos observar uma das formas que Hus utilizou para educar por meio de cartas.

O destinatário

Mas quem foi Martin, essa pessoa para quem Hus deixou uma carta que deveria ser aberta apenas em condições especiais? Por que nele Hus depositava tanta confiança a ponto de deixar-lhe conselhos espirituais e orientações pragmáticas a serem tomadas após sua morte? Para responder a estas perguntas, em primeiro lugar, podemos observar como Martin aparece nas próprias cartas para, em seguida, consultar na historiografia outros indícios de sua identidade.

Martin é destinatário exclusivo de duas cartas pessoais, números 45 e 76 da epistolografia hussita disponível¹. No entanto, ele aparece também em

¹ O trabalho de numeração das cartas de Jan Hus a partir de diversas edições dessa correspondência é um dos frutos de nossa tese de doutorado, servindo

outras ocasiões. Numa carta escrita em 1412, Hus inicia com a seguinte saudação: “Aos queridos irmãos em Cristo, Mestres Nicholas, Martin e Havlík, companheiros de trabalho na Palavra de Cristo, e aos outros irmãos da sagrada Belém”. Martin também é citado em outras cartas escritas em junho e julho de 1415 (números 95, 96 e 100 da epistolografia hussita). Na carta 100, Hus afirma textualmente que Martin era seu discípulo. Esses indícios apontam para uma proximidade entre Hus e Martin.

Uma pista a respeito de ambos exercerem funções semelhantes encontra-se na expressão “companheiros de trabalho na palavra do Cristo”. Na carta 76, encontramos a exortação para que Martin “esforce-se com diligência na pregação da palavra de Deus”, confirmando sua atuação como clérigo.

A carta 45 permite-nos entender, entretanto que, embora fosse clérigo, ele ainda não tinha nenhum encargo paroquial, visto que Hus dá conselhos a Martin utilizando expressões como “se você for chamado ao ofício pastoral” e “se você se tornar um pastor”. Nas biografias sobre Hus e nos comentários às cartas não encontramos muitas informações adicionais, o que sustenta nossa hipótese de que a principal fonte para conhecermos Martin é a própria correspondência de Hus. Spinka (1965, p. 30; 1968, p. 30, 74, 229, 276) faz seis menções em dois livros, atribuindo-lhe as alcunhas de “discípulo”, “fiel discípulo”, “ex-discípulo”, “amigo e ex-discípulo” e duas outras um pouco diferentes e mais reveladoras, a saber, “estudante” e “assistente em Belém”. Destas duas últimas, a primeira aponta para o fato de Martin ser estudante da Universidade de Praga e a segunda, que ele era um clérigo assistente de Hus. Workman e Pope (1904, p. 80, 149) confirmam a posição de discípulo e de membro da universidade. Schaff (1915, p. 168) refere-se ao mesmo destinatário como Martin de Praga, talvez se referindo à localidade onde ele se encontrava quando recebeu a carta. Afirma ser ele o “discípulo favorito” de Hus.

A denominação de Martin como “estudante”, feita por Matthew Spinka, abre espaço para entendermos a atuação educativa de Hus. Estudantes morarem junto a igrejas era comum na época e foram justamente dessas moradias que surgiram, nas décadas seguintes, os futuros colégios secundários (v. HILSDORF, 2006). Segundo Spinka (1968, p. 39), na vizinhança da capela, foi montada uma moradia para estudantes, intitulada “Colégio de

Nazaré”, que hospedava estudantes pobres da universidade. Também afirmou que Hus dedicava especial atenção a essa moradia, encaminhando e promovendo estudantes. Aqueles que ele apresentava para os exames recebiam dele uma preparação adicional.

Hus também realizava discursos para formandos na Universidade. Num desses discursos, proferido em 1405, ele se dirigiu ao único membro da nobreza que fazia parte do grupo de alunos que moravam no pensionato nos fundos da capela. Spinka (1968, p. 73) atesta a existência de uma relação muito próxima entre professor e aluno, perceptível pelo tom jocoso com que Hus afirmou ser esse membro da nobreza, Zdislav de Zvířetice, uma pessoa preguiçosa, que dormia demais.

Esse mesmo tom de intimidade e cuidado paterno está presente na carta 45, como afirma Spinka: “Nada ilustra melhor a relação próxima e íntima de Hus com seus alunos do que esta carta!” (SPINKA, 1968, p. 74; 1972, p. 120). Workman e Pope (1904, p. 146) consideram esta carta “um dos tesouros da coleção, incalculável por sua introspecção no espírito meigo, um tanto autorrepreensível, do escritor”.

A carta que não deveria ser aberta

O início da carta 45 é um conselho, no qual Hus exorta Martin para que preserve sua virgindade, tomando cuidado para não se envolver com as mulheres:

Mestre Martin, caro bem-amado irmão em Cristo, exorto-lhe, no Senhor, a temer a Deus, a guardar Seus mandamentos, a fugir do convívio das mulheres e a ser cuidadoso quando ouvir à confissão delas, para que o Satã não lhe engane por meio da hipocrisia das mulheres. Pois Agostinho disse: ‘Não acredite na devoção delas, porque quanto mais devota mais lasciva é, e sob o pretexto de piedade esconde-se o visgo da concupiscência.’ Portanto, esteja alerta para que você não perca sua irrecuperável virgindade, que eu espero que você a preserve (NOVOTNÝ, 1920, p. 204).

Não é de se estranhar que esta seja a primeira recomendação de Hus a seu discípulo. A concupiscência é o apetite pela satisfação dos sentidos do corpo, contrários à razão (MING, 1908). Começar com uma referência à preservação da virgindade segue o padrão de educação moral do período no qual Hus escreve, visto que a sexualidade é um dos principais temas desse período:

A palavra, a sexualidade, o dinheiro são os três temas que no fim da Idade Média retornam, com insistência quase obsessiva, aos tratados morais, aos sermões, aos primeiros catecismos: elementos de

essa tese como referência para maiores aprofundamentos a respeito dessa numeração.

uma cultura do pecado profundamente modificada, mas longe de estar exaurida, e destinada a influir com todo seu peso nos acontecimentos culturais e religiosos que marcam a passagem à era moderna (LE GOFF; SCHMITT, 2006, p. 350).

Vejam as consequências dessa “cultura do pecado”. A Igreja atribui ao sexo um espaço apenas para procriação. Santo Agostinho advertiu que “Também é adúltero quem ama com demasiado ardor sua mulher” e essa advertência ecoou nos séculos que lhe seguiram (ibidem, p. 480). “A mulher era a rival da Igreja, a tentadora, a desencaminhadora, o obstáculo à santidade, a isca do Diabo” (TUCHMAN, 1990, p. 194). Ela é vista como insaciável, particularmente sujeita ao desejo, mais próxima da animalidade. Ao homem competia não ceder a essa volúpia (LE GOFF; SCHMITT, 2006, p. 479). O imaginário medieval expresso na “Divina Comédia” de Dante Alighieri coloca no inferno o casal que se deixou levar pelo desejo. Os luxuriosos, no segundo círculo, sentem-se presos pelo amor:

Amor, que a amado algum amar perdoa,
tornou-me, pelo seu querer, tão forte,
que como vês ainda me agrilhoa
(ALIGHIERI, 1998, p. 103-105).

O discurso medieval sobre as mulheres está na mão dos clérigos que impõem sua palavra e constroem imagens tão mais estigmatizadas quanto mais distantes estão delas. A castidade é, no final da Idade Média, o melhor remédio para a concupiscência, recomendada a homens e principalmente a mulheres:

A virgem é virgem não tanto e não só pela integridade do seu corpo, mas sobretudo pela pureza dos seus pensamentos, afastados de toda a concupiscência graças à escolha meditada que soube fazer e manter; (...) A viúva vive virtuosamente a sua condição não apenas graças a um evento casual que libertou o seu corpo da obrigação das relações sexuais, mas sobretudo se, a partir desse acontecimento, sabe libertar a sua mente de todo o desejo carnal. A mulher casada vive virtuosamente a sexualidade no interior do matrimônio porque as suas intenções se mantêm puras e castas, voltadas como estão para o cumprimento do dever conjugal e para a propagação da espécie (CASAGRANDE, 1990, p. 112).

Essa valorização da virgindade Hus já havia feito numa carta (número 6) escrita em algum momento após 1408, em tcheco, a um grupo de mulheres que vivem em retiro. O texto trata quase que exclusivamente desse tema. Exorta-lhes a

preservarem sua virgindade, lembrando o exemplo da virgem mãe de Cristo, pois vivendo no celibato e na virgindade elas serão abençoadas por Deus. Ao final, afirma que está mandando uma música, a qual não tivemos acesso, cantada na capela de Belém nas tardes dos serviços das santas virgens.

No entanto, não bastam a castidade e a virgindade. Para que estas virtudes tenham valor espiritual, são necessárias ainda outras (v. LE GOFF; SCHMITT, 2006, p. 482). É o que fará Hus na continuação da carta para Martin. Ele parte de um dos principais temas da educação moral do período para fortalecer a relação com seu discípulo:

Lembre-se que, desde sua juventude, eu lhe ensinei a servir ao Cristo Jesus, e eu gostaria, se tivesse sido possível, de ter lhe ensinado em um dia tudo o que eu sabia. Você sabe, igualmente, que eu denunciarei a avareza e a vida irregular de sacerdotes, e por isso, na graça de Deus, estou sofrendo perseguição, a qual logo levará a cabo minha destruição. Eu também não tenho medo de enfrentar a humilhação em nome de Jesus Cristo (NOVOTNÝ, 1920, p. 204).

Este trecho diz muito a respeito de Hus e de sua relação com Martin. A primeira frase aponta para uma relação educativa de muitos anos entre mestre e discípulo, bem como para a impossibilidade de se ensinar tudo. Porém, mais importante na análise desta carta do que uma lista das coisas que Hus ensinou a Martin é o estabelecimento dessa relação entre eles. É no momento em que o educador diz “segue-me” e o discípulo o aceita que está a principal marca da educação, como explica Gusdorf (1970, p. 241):

“Segue-me”: a afirmação da personalidade é uma mobilização da personalidade. Até aí o discípulo era um entre os outros. Vivia na inconsciência, na ignorância e na imobilidade. A adesão ao mestre, uma vez que é consentimento a si mesmo, nada tem de uma escravatura. Ela implica para o discípulo servir ao mestre, mas apenas na medida em que esse serviço é a consagração à verdade.

Lembremos que Hus escreveu essas palavras para serem lidas apenas após sua morte. Elas só possuem esse valor afirmativo, ou seja, só educam porque foram acompanhadas da ação. Hus defendeu suas ideias até o último momento e foi queimado na fogueira por causa disso. Se ele tivesse voltado atrás no que disse, se tivesse aceitado os pedidos para que abjurasse, nenhuma dessas palavras significaria algo. Não são nelas que está o educador, mas no seu exemplo (as palavras não ditas). “O mestre ensina, mas ensina algo diferente do que ensina. O mais alto ensinamento do mestre não está no que ele diz, mas no que ele não diz” (GUSDORF, 1970, p. 147). É

nesse sentido que os conselhos na sequência da carta propõem uma adesão a um padrão de vida coerente com uma das principais preocupações de Hus, que é agir motivado pela honra a Deus:

Eu lhe imploro, de todo meu coração, que não cobice os benefícios. Entretanto, se você for chamado ao ofício pastoral, esteja motivado pela honra a Deus, pela salvação das almas e pelo trabalho, ao invés da posse de sementeiras ou um pedaço de terra². Mas se você se tornar um pastor, cuidado ao ter uma mulher como sua cozinheira, para que você não edifique sua casa mais do que sua alma. Seja você um construtor de edifícios espirituais, sendo gentil com os pobres, e humilde, não gastando seus bens em banquetes (NOVOTNÝ, 1920, p. 204).

Hus apresenta, aqui, dois dos principais temas da educação moral medieval: a sexualidade e o dinheiro, retornando o tema do cuidado com a mulher, mostrando que o simples fato de estar próximo de uma é um grande risco, neste caso, o de “edificar mais a casa do que a alma”. Resume essas duas preocupações em uma frase: ser o construtor de edifícios espirituais e ser humilde. Segue com o aconselhamento perante o uso de roupas finas, o que, parece-nos, Martin gostava de usar:

Temo, também, que se você não corrigir sua vida, desistindo de roupas finas e supérfluas, você será severamente repreendido pelo Senhor. E o será do mesmo modo que eu, um infeliz miserável, estou sendo por ter usado essas coisas, por ter sido seduzido pelos hábitos e elogios maléficos dos homens. Por elas, eu fui ferido pelo espírito do orgulho contra Deus (NOVOTNÝ, 1920, p. 204).

Hus aproxima-se de Martin ao afirmar que também viveu as experiências que ele está vivendo. Em diversos trechos das cartas escritas de Constança, Hus retoma essa ideia de ser punido por seus erros passados. Na carta 69, por exemplo, escrita a seus amigos em Constança, em 9 de junho de 1415, ele termina dizendo: “Estou sofrendo de dor de dente e, no castelo, eu sofri com vômito de sangue, dor de cabeça e a pedra. Estas foram as punições pelos pecados como sinal do amor de Deus por mim.” Do trecho que citamos da carta 45, a palavra “elogio” pode ser um indício da preocupação com o uso da palavra, a terceira das maiores preocupações medievais. Essa aproximação de Hus a Martin, apresentando-se como alguém cheio de faltas, ele continua na sequência, incluindo um novo item: o jogo de xadrez:

Já que você conheceu bem minha pregação e minha conduta em público desde sua juventude, não considero necessário escrever-lhe mais sobre isso. Imploro-lhe, no entanto, pela misericórdia de Jesus Cristo, que não me siga em qualquer leviandade que você tenha visto em mim. Você sabe que, ai de mim, antes de eu me tornar um clérigo, eu gostava de jogar xadrez e o fazia com frequência. Desperdicei meu tempo, e por causa desse jogo provoquei, com tristeza e por diversas vezes, a cólera em mim e nos outros (NOVOTNÝ, 1920, p. 204).

Logo no início deste trecho, Hus comenta a respeito de algo que consideramos seu principal meio de educar: a pregação evangélica e o exemplo de vida pública. Nesta carta, na qual o clérigo apresenta suas principais preocupações a respeito da educação de seu discípulo, temos a confirmação de sua principal prática. E por que ela é a principal? Porque ela é a mais eficaz a tal ponto que “não é necessário escrever mais sobre isso”. Esta frase inserida nesta carta é o indício de que Hus educava pelos sermões presencialmente na Capela de Belém e que passou a educar pelas cartas a partir do momento em que não podia mais estar presente.

Continua com a apresentação de seus erros, ressaltando o fato que gostava de jogar xadrez, fazia-o com frequência e isso provocou tristeza e cólera nele e nos outros. Já em outro lugar ele faz referência aos jogos como motivos de discórdia e avareza. Na carta de número 3, escrita a uma dama da nobreza, ele afirma:

Eu ouvi que você conduziu bem sua viuvez, mas que não está cuidadosa por permitir jogos e danças em sua propriedade, o que é uma clara transgressão ao mandamento de Deus. Pois no jogo cobiçam a propriedade alheia, basicamente insultam e batem uns nos outros, às vezes insultando até mesmo Deus e os santos, enganam um ao outro, negligenciam trabalhos úteis, não observam os dias santos e, quando eles perdem, eles roubam seus patrões, amigos e pais. Às vezes eles saqueiam nas estradas e assassinam pessoas de fé e outras mais. Se eles são camponeses, às vezes abandonam seus povoados e suas famílias e fogem para estarem mais livremente aptos a jogar os dados e outros jogos, e para mentir dia e noite nas tavernas. Muito prejuízo vem disso para eles próprios, seus patrões, ou suas crianças (NOVOTNÝ, 1920, p. 15).

Este trecho deixa clara a relação que o clérigo faz entre jogos e dinheiro, levando a diversos pecados. No entanto, a menção ao xadrez traz um contraponto com papel dos jogos na educação medieval. No período entre os séculos XII e XV, esse jogo possuiu grande difusão e popularidade na Europa (LAUAND, 1988, p. 23). Os jogos eram

² Trecho com versões muito diferentes entre os tradutores. É “sows or a plot of land”, para Spinka (tradução que adotamos), “fine clothes or lands”, para Workman e Pope e “riches”, para Bonnechese. No original em latim está “non habitio (ou *ambiti*, como em um dos manuscritos) scropharum vel praediorum”.

parte importante da educação medieval e o xadrez, especificamente, possuía uma forte carga moral no final da Idade Média. Em dois textos do século XIII, encontramos exemplos disso. O primeiro, *Moralitas de Saccario*, utiliza o xadrez como metáfora para a explicação da vida humana:

Este mundo é como um tabuleiro de xadrez: uma casa é branca, outra é preta, e assim representa o duplo estado de vida ou morte, de graça ou pecado.

A família que habita esse tabuleiro é formada pelos homens deste mundo, que – tal como as peças saídas todas da mesma bolsa (*sacculus*) – procedem todos de um só ventre (*sacculus*) – materno. (...)

E com frequência acontece que, quando se devolvem as peças, o Rei fica por baixo, no fundo do saco; e assim também acontece com os grandes que ao sair deste mundo são sepultados no inferno; enquanto os pobres são levados ao seio de Abraão.

Neste jogo, o diabo diz: “xeque!” incitando ao mal e ferindo com o dardo do pecado. E se o atingido não sai rapidamente dizendo: “livre!”, pela penitência e compunção do coração, o diabo lhe diz: “mate!”, levando sua alma ao inferno de onde não se poderá livrar de modo algum (LAUAND, 1988, p. 48-49).

O segundo exemplo está na introdução do *Libro del Acedrex*, de D. Alfonso o Sábio. Vale a pena destacar que D. Alfonso foi rei de Castela e Leão e, portanto, não sendo membro do clero, sua argumentação pode não possuir as mesmas bases. Nos dois primeiros parágrafos, ele associa o jogo a uma invenção do homem para realizar com plenitude a alegria que Deus lhe deu:

Deus quis que os homens naturalmente tivessem todas as formas de alegria para que pudessem suportar os desgostos e tribulações da vida, quando lhes sobreviessem.

Por isso os homens procuraram muitos modos de realizar com plenitude tal alegria e criaram diversos jogos que os divertissem (LAUAND, 1988, p. 65).

O lúdico é parte fundamental da educação medieval (v. LAUAND, *Deus Ludens...*, 2009) e D. Alfonso, como um grande educador medieval, ressalta a importância do xadrez. Seria a oposição de Hus ao jogo uma oposição à ludicidade característica do homem medieval? Huizinga (1978, p. 18) pode iluminar esta questão quando se refere às “lágrimas abundantes” nos eventos públicos do final da Idade Média. Em virtude da tensão e violência que marcavam a vida naquele período, havia nas pessoas um grande grau de excitação:

Um simples exemplo bastará para mostrar o grau de excitação que distingue a Idade Média do nosso

tempo. Dificilmente conceberemos jogo mais pacífico do que o xadrez. No entanto, tal como a propósito das canções de gesta, alguns séculos antes, Olivier de la Marche menciona frequentes querelas em consequência desse jogo; ‘o mais sensato perde a paciência ao jogá-lo’.

Entendemos que Hus, vivendo nesse período de grande excitação emocional, tenha se exaltado quando jogou xadrez. Por isso, quando em sua correspondência ele se opôs à cólera, à avareza e à luxúria não estava em oposição ao riso e à diversão. Ele mesmo faz algumas brincadeiras no meio de suas cartas, especialmente na correspondência com pessoas próximas, como com o cavaleiro Jan de Chlum, que é chamado por Hus (carta 65) de doutor de Biberach (SPINKA, 1972, p. 150).

O clérigo da Boêmia utiliza o jogo de xadrez como um símbolo de seus erros passados, que Martin deve evitar para não cair no pecado. Não é simplesmente o jogo, mas todos os males que ele carrega e que podem levar a pessoa a um prejuízo em sua salvação. Desses males, os principais são “a carne, o mundo e o demônio”, como continua Hus em sua carta para Martin:

Portanto, por causa de minhas incontáveis outras faltas³ que cometi, entrego-me, por suas preces, ao mais misericordioso Senhor, pedindo Seu perdão. Não demore a apelar para Sua misericórdia, que Ele queira dirigir minha vida e, depois de superar os males desta era, a carne, o mundo e o demônio, colocar-me, pelo menos no Dia do Julgamento, na morada celeste (NOVOTNÝ, 1920, p. 204).

Essa tríade de males (ou inimigos) também encontramos na Suma Teológica de Tomás de Aquino. Ele afirma (AQUINO, 1920, parte III, questão 41, artigo 1, objeção 3) que a tentação possui fonte trina: a carne o mundo e o demônio. São Francisco de Assis também utilizou essa tríade como os inimigos que deixam cegos aqueles que não vivem em espírito de penitência e nem recebem o corpo de Nosso Senhor Jesus Cristo (ASSIS, “Carta aos fiéis II”, 2009, capítulo XI). Embora não haja referência a nenhum deles, ambos são anteriores a Hus. Mas todos podem ter se inspirado na primeira epístola de João, especialmente os versículos de 12 a 17 do segundo capítulo que associam a vitória da concupiscência como a vitória contra o demônio, o mundo e a carne⁴. Eis o trecho bíblico:

Eu vos escrevo, filhinhos, porque os vossos pecados foram perdoados/ por meio do seu nome./ Eu vos

³“fault” para Spinka e “sin” para Workman e Pope e Bonnechose. A versão latina apresenta “culpīs”.

⁴Agradecemos a Ivanilson Bezerra da Silva, pastor presbiteriano e mestre em educação, por esta referência.

escrevo, pais/ porque conheceis aquele/ que é desde o princípio/ Eu vos escrevo, jovens/ porque vencestes o Maligno/ Eu vos escrevi, filhinhos/ porque conheceis o Pai/ Eu vos escrevi, pais/ porque conheceis aquele/ que é desde o princípio/ Eu vos escrevi, jovens/ porque sois fortes/ porque a Palavra de Deus permanece em vós/ e porque vencestes o Maligno/ Não ameis o mundo/ nem o que há no mundo/ Se alguém ama o mundo/ não está nele o amor do Pai/ Porque tudo o que há no mundo/ – a concupiscência da carne/ a concupiscência dos olhos e/ o orgulho da riqueza – / não vem do Pai/ mas do mundo/ Ora, o mundo passa/ com suas concupiscências/ mas o que faz a vontade de Deus/ permanece eternamente (A BÍBLIA DE JERUSALÉM, 1993, I Jo, cap. 2, v. 12-17).

Hus despede-se de Martin deixando instruções a respeito da distribuição de alguns de seus bens. É a primeira vez que o faz e o repetirá na outra carta a Martin (número 76), bem como para outros destinatários, escritas às vésperas de sua morte (números 95, 96 e 100):

Adeus, em Cristo Jesus, junto com todos os que guardam Sua lei. Você pode ficar com a túnica verde, se você quiser, como uma lembrança. Mas, como eu acho que você detesta verde, dê-a para quem você achar melhor. Dê a túnica branca para meu aluno⁵, “o Pastor”. Para o Georgio ou Girzikoni, dê sessenta *grossi*⁶ ou a toga verde, pois ele me serviu fielmente (NOVOTNÝ, 1920, p. 204, grifo do autor).

É, no mínimo, curiosa a suposta contradição entre este último trecho e o restante da carta. Afirmamos “suposta contradição” visto que parece haver uma disparidade entre a insistência do desapego dos bens materiais que marca a carta e a destinação das túnicas de Hus. Mas é justamente neste final que temos a confirmação da proximidade e confiança que ele possui em Martin a ponto de deixar com este o cuidado da distribuição de seus pertences. Mais ainda, Hus apresenta a extensão dessa relação com outros discípulos, no caso, o “pastor” e George, este que o serviu fielmente. Deles não temos outras informações, mas podemos supor, seguindo Spinka (1968, p. 73-74), que eles habitavam o Colégio da Capela de Belém, seja como estudantes, seja como criados.

A carta que deveria ser aberta

Podemos relacionar o conteúdo da carta 45 ao da outra que Hus enviou para Martin (número 76),

⁵ Para Workman e Pope a palavra aluno está relacionada ao nome seguinte, George. Para Spinka, confirmado pela carta 76, “Pastor” e Gerogio/Girzikoni [Jorge/Jorginho] são ambos servos de Hus. O último era também estudante.

⁶ Spinka afirma que sessenta *grossi* totalizam uma *sexaginta* (em tcheco, *kopa*). Workman e Pope afirmam esta quantidade ser um guinéu. Bonnechose utiliza sessenta “*groschen*” de prata. Workman e Pope também afirmam que três moedas *sexagenae* de Praga valiam doze florins. A despeito destas informações, não sabemos precisar se esta era uma quantia grande ou pequena.

considerando as diferenças de contexto no qual cada uma foi enviada. Enquanto a carta 45 data do início de outubro de 1414, começo da viagem de Hus a Constança, a de número 76 é datada de 16 de junho de 1415, quando Hus já estava preso e discutia os termos de sua defesa perante a proposta de abjuração do Concílio.

A carta 76 possui conteúdo semelhante à 45. Hus escreve novamente a seu discípulo Martin, só que, desta vez, na prisão. Por que ele escreveu outra carta para dizer, basicamente, as mesmas coisas? Em primeiro lugar, é provável que Martin não tivesse aberto a outra (SPINKA, 1968, p. 276), se seguiu as instruções de seu mestre. Em segundo lugar, como perceberemos, Hus é mais detalhado em sua lista de instruções e em seus ensinamentos. Poderemos, então, levantar a hipótese que ele, tomando a morte como cada vez mais próxima, tomou mais cuidado ao distribuir sua herança. E, o que tentaremos mostrar aqui, é que essa herança não é apenas material.

Hus inicia sua segunda carta a Martin, retomando os mesmos conselhos da primeira: evitar roupas luxuosas e conversas com mulheres, além de preservar sua virgindade:

Mestre Martin, o mais amado pupilo e irmão em Cristo. Viva de acordo com a lei do Cristo e se esforce com diligência na pregação da Palavra de Deus. Eu lhe peço, pelo amor de Deus, que não ame roupas ilustres, como eu, ai de mim, amei e usei e, assim, negligenciei em viver um exemplo de humildade ao povo para quem eu preguei. Leia a Bíblia alegremente, especialmente o Novo Testamento, e, onde você não entender, busque imediatamente pelos comentadores enquanto você puder tê-los. Evite conversas com mulheres e seja especialmente cauteloso na escuta de confissões para que você não seja capturado pela armadilha da volúpia. Pois eu espero que você seja um virgem puro preservado para Deus (NOVOTNÝ, 1920, p. 277).

Aqui ele é mais explícito no cuidado com o uso da palavra, pedindo a Martin que pregue a palavra de Deus com diligência e estude o Novo Testamento e seus comentadores. Aqui Hus estabelece a autoridade da Bíblia com a valorização do Novo Testamento (v. LE GOFF; SCHMITT, 2006, p. 116).

Na sequência, Hus ensina Martin a escapar dos acusadores:

Não tema morrer por Cristo se você desejar viver com Cristo. Pois ele disse ‘Não tema àqueles que matam o corpo, pois eles não podem matar a alma’. Se eles o acusarem de “ser meu partidário”, diga ‘Eu espero que o Mestre tenha sido um bom cristão, mas o que ele escreveu e ensinou sob protesto nas escolas, eu não entendi completamente nem li com

atenção.’ Pois eu suponho que seja isso mesmo (NOVOTNÝ, 1920, p. 277).

Até as escolas apareceram neste trecho. Mais importante do que a explicitação que ele “ensinou nas escolas”, é o fato de Hus apresentar-se como alguém que “ensinou e formou discípulos”, neste caso, partidários. Ele também destaca que os ensinamentos que foram alvos de protesto, ou seja, promoveram debates e o levaram à prisão, não são os principais. Ao mesmo tempo, este trecho apresenta um indício de outra coisa: Hus estava preocupado com a vida de Martin, não querendo que ele fosse acusado e condenado por ser seu partidário. Propõe, então, um modo dele escapar dessa condenação: Martin deveria explicar que não entendera nem lera com atenção as palavras de Hus. Então, ele completa:

Mas eu espero, na misericórdia de Deus e na ajuda dos bons homens, que eles te deixarão em paz, embora Pálec e seu grupo façam de tudo para “condenarem todos os meus partidários”. Tenha certeza que o Senhor ainda faz viver aquele que consegue preservar tudo de si em Sua graça, mas, os inimigos da verdade, leva à morte e destrói em Geena (NOVOTNÝ, 1920, p. 277).

Na sequência da carta, uma grande lista de nomes recebe os cumprimentos de Hus:

Eu entrego em suas mãos, caro bem amado, meus irmãos. Faça-lhes o melhor que você souber. Cumprimente – espero santamente – Petra, Důra e família e todos os companheiros que fazem parte de Belém: Kateřina chamada Hus⁷ – eu espero uma virgem santificada – Jiřík⁸, o Pastor, a senhora Zderaz, Michal de Prachatice, Maurice Kačer, e todos os amigos da verdade, Ješkova, dominus Gregório, todos os mestres, Jesenic, Kuba, ambos os Simons, Nicholas e Havlík (NOVOTNÝ, 1920, p. 277).

O educador transfere sua tarefa educativa para seu discípulo, entregando-lhe seus irmãos⁹ para que ele cuide. Da lista de cumprimentos, destacamos o aparecimento das figuras de Michal de Prachatice, destinatário de algumas cartas de Hus e notário frequentemente contratado por ele (SPINKA, 1972, p. 171), Jakoubek de Stříbro, um dos principais defensores da dupla comunhão e pregador na Capela de Belém sucedendo Hus após sua morte. Nicholas de Miličín e Havlík eram pregadores na

capela enquanto Hus estava fora. A carta ainda segue com alguns cumprimentos mais genéricos:

Aquele que estiver ou vier a estar com os livros, que tenha cuidado com eles. Cumprimente também os doutores, meus queridos irmãos em Cristo, os sapateiros, os alfaiates e os escribas e lhes diga para serem solícitos com a lei do Cristo e pensarem humildemente, não usando suas próprias explicações, mas aquelas dos santos professores (NOVOTNÝ, 1920, p. 277).

Aqui está o Hus preocupado com o “uso que pode ser feito de seus livros”. A expressão “ter cuidado” possui duplo sentido e a escolhemos propositalmente para tentar preservar a ambiguidade das diferentes traduções para o inglês¹⁰. Ela pode significar tanto cuidar para preservar quanto cuidar para evitar que sejam mal utilizados e venham a público contra aquele que possuir os livros.

Cuidar de seus escritos, nos dois sentidos acima, é uma prática comum de correspondentes (MIGNOT, 2002, p. 134) e também o foi para Hus durante a prisão. Ele cita essa preocupação em diversas ocasiões em sua correspondência. Por exemplo, na carta a Jan de Chlum número 61, de 5 de março de 1415, ele pede para seu destinatário entregar o tratado sobre os mandamentos de Deus para que seu amigo Petr de Mladoňovice o copie. Na carta 83, de 21 de junho de 1415, escrita para o pastor Havlík a respeito da dupla comunhão, recomenda-lhe a leitura de um de seus escritos sobre o assunto para maiores esclarecimentos. Ou então, na carta pastoral número 94, de 27 de junho de 1415, ele afirma estar feliz com o fato que os membros do concílio tiveram que ler seus escritos, pois estes expõem os erros daqueles.

Hus preocupa-se, no trecho citado, também com o “uso da palavra” e recomenda a todos, dos doutores aos sapateiros, a serem humildes no pensamento, usando não suas próprias palavras, mas as explicações dos santos professores. Indiretamente, essa recomendação é ao próprio Martin na medida em que este passa a ser o intermediário entre o clérigo preso e as pessoas na Boêmia. Hus está transmitindo para Martin seu legado, mostrando-lhe não apenas o caminho como o que e para quem dizer.

Com relação ao uso de suas próprias explicações, Hus não está fazendo uma restrição ao livre pensar, mas valoriza a autoridade dos Padres da Igreja em relação às glosas (SPINKA, 1972, p. 171). Há uma grande força das bíblias glosadas entre o século IX e

⁷ Não encontramos informações sobre por que ela era chamada de Hus. A única informação que temos a seu respeito, em Novotný, *Korespondence*, p. 277, nota 6, é que Kateřina morava próximo à Capela de Belém.

⁸ O mesmo citado em latim como Gerogio na carta 45, que deveria receber sessenta grossi.

⁹ Novotný (1920), *Korespondence*, p. 277, nota 3 afirma que provavelmente Hus refere-se à audiência da Capela de Belém e não a irmãos de sangue.

¹⁰ Spinka utilizou “be cautious”, Workman e Pope, “be careful” e Bonnechose “be prudent”. Na versão em latim encontramos “erit cautus”.

o XIV, ocorrendo nos dois últimos séculos desse período uma grande presença da exegese na Universidade, com uma ligação entre os sermões e a prática exegetica. Após 1340, a exegese diminui e os sermões assumem um caráter moralizante (LE GOFF; SCHMITT, 2006, p. 110-112).

Hus continua na carta com as disposições dos bens materiais e conselhos de conduta, atribuindo-lhe responsabilidades de uma pessoa de confiança:

Não deixe de pedir ao Lord Henry Lefl para dar ao escriba Jacob sessenta *grossi* que ele lhe prometeu. Cumprimente Matthew, antes de Belém, e, em particular, dominus Mathew, o Pobre, que ele ore por mim, um pecador, e ao fiel Jan Vitlínov. Os filhos de meu irmão, “se você considerar como o melhor”, que aprendam uma arte, pois temo que se eles entrarem na carreira espiritual eles não a observarão como deveriam. Meus credores, para quem eu devo, pague “o máximo que você puder”. Se, no entanto, eles de bom grado perdoarem a dívida em nome de Deus e por amor a mim, Deus lhes pagará muito mais (NOVOTNÝ, 1920, p. 277, grifo nosso).

Dos citados, Henry Lefl foi o nobre protetor de Hus no castelo de Krakovec (SPINKA, 1972, p. 171), um dos lugares em que ele se abrigou durante o exílio. O primeiro Mathew é Mathew de Tupčany, que foi clérigo na capela de Belém em 1412. O segundo foi um clérigo que Hus admirava por sua caridade aos pobres. Hus entrega a Martin os cuidados educativos de seus sobrinhos e lhe deixa a responsabilidade da escolha do que fazer com eles. E segue, após pedir que pague suas dívidas, para o trecho final da carta:

Guarde tudo aquilo de bom que você aprendeu de mim. Se você encontrou qualquer coisa desordenada, rejeite-a e ore a Deus por mim para que ele tenha misericórdia de mim. ‘Pense sobre o que você é, o que você foi e o que você será’.

Chore pelo passado

Melhore o presente

Cuidado com o futuro, ou seja, com os pecados.

Que Deus de toda a graça lhe fortaleça junto de todos os acima mencionados e os outros irmãos em Sua graça e que lhes conduza à glória na qual – espero em Sua misericórdia – nós nos regozijaremos juntos, antes que trinta anos tenham passado. Despeço-me em Cristo Jesus, querido irmão, junto com todos os que amam o nome de nosso senhor Jesus Cristo. Escrito na prisão, domingo antes da festa de São Vito (NOVOTNÝ, 1920, p. 277).

Aqui, Hus retoma seu reconhecimento que realizou um trabalho educativo, explícito no início da carta. Mas pede a oração de Martin para que seus erros sejam perdoados. É o momento em que, semelhante ao que fez na carta 45, Hus aproxima-se de seu discípulo

em posição de humildade, “pedindo-lhe ajuda”. É o momento no qual ambos se alinham perante a verdade, como iguais. Nas palavras de GUSDORF:

O encontro do mestre e do discípulo aparece, em verdade, como numa relação de pessoa a pessoa, mas não numa solidão partilhada, no comprazimento exclusivo de um pelo outro. Numa bela frase, afirma Saint Exupéry que o amor não consiste, para aqueles que se amam, em olhar um para o outro, mas em olharem ambos na mesma direção. O mesmo acontece com o mestre e o discípulo: na realidade, alinham-se ambos em função de uma perspectiva que lhes é comum (GUSDORF, 1970, p. 247).

Utiliza de um provérbio medieval (SPINKA, 1972, p. 172) para transmitir um ensinamento fundamental: pensar a respeito de sua própria vida, passado, presente e futuro. A beleza sonora da versão latina desse provérbio merece destaque: “*quid sis, quid fueris, quid eris, semper mediteris*”¹¹. A utilização de provérbios para a educação moral na Idade Média é muito comum, visto que erudição não era uma preocupação medieval. Era muito comum a autores medievais eruditos utilizarem formas informais e lúdicas de se dirigirem a seus leitores (LAUAND, 1995, p. 5). Os provérbios, em especial, possuem a característica de chamar a atenção para algo que poderia passar despercebido, como mostra, comentando um livro de provérbios portugueses antigos, Lauand (LAUAND, 2009, s/p.):

Quando se tem em conta que a educação – mais do que no âmbito oficial da escola – exerce-se na interação social informal e que a moral pressupõe, antes e acima de tudo, conhecimento sobre o ser do homem, torna-se imediatamente evidente que a tradição viva de provérbios populares é poderosa instância de educação moral (que, naturalmente, valerá o que valerem os conteúdos veiculados...). No caso, essa educação se faz, antes de mais nada, pela possibilidade de circunscrever, de configurar uma atitude que passaria despercebida, se os provérbios não chamassem a atenção para ela: especialmente para a educação moral vale a intuição contida na acumulação semântica da palavra castelhana *enseñar*: ensinar e mostrar!

O mesmo autor afirma (LAUAND, 1997, p. 85) que há afinidade entre os provérbios e o filosofar de Tomás de Aquino:

É natural que haja afinidade com provérbios nesse filosofar, em que o centro da vida moral é ocupado pela virtude da *prudencia*: a arte de decidir de acordo com o reto conhecimento da realidade e do homem.

¹¹Frase idêntica está presente na carta 74 ao nobre Henry Škopek de Dubá, acrescida de “*quid loqueris et ubi, de quo, cur, quomodo, quando*” (o que falares e onde, de quem, por que, como, quando). Esta carta foi escrita em tcheco, mas este trecho está em latim, mostrando a força deste provérbio.

Os provérbios – enquanto condensação da experiência – informam principalmente a dimensão cognoscitiva da *prudentia*.

Os provérbios permitem, ao condensar uma experiência, indicar um caminho, propor uma reflexão e uma análise sobre si mesmo. Extrapolamos isso para Hus. Este, ao propor essa reflexão sobre si mesmo no passado, presente e futuro, retoma o final da carta 45 em sua preocupação com os três males: a carne, o mundo e o demônio, na medida em que eles são a síntese das tentações do corpo, da sociedade e do espírito, que também podemos resumir nas preocupações medievais da sexualidade, do dinheiro e da palavra. Por isso, na carta 76, a recomendação “cuidado com o futuro, ou seja, com os pecados”.

Conclusão

Ao analisarmos detalhadamente as cartas escritas para Martin de Volyně, procuramos estabelecer o modo como Hus sustentou por meio delas sua relação mestre-discípulo com ele. Mais do que educar por meio das cartas as cartas a Martin são o indício de um início da transmissão de seu legado ao discípulo que continuará sua tarefa de educar. Elas exprimem o conteúdo moral da educação medieval, com as principais preocupações daquele tempo, o vínculo e a proximidade entre mestre e discípulo e sustenta a defesa da verdade com base na humildade e na autoridade da fé e da razão.

Igualmente, ao escrever estas cartas ao seu discípulo, Hus deixava um testamento material e espiritual diante da morte que progressivamente se lhe apresentava iminente. A seu discípulo cabia guardar os ensinamentos e distribuir os bens. Mais do que isso, porém, o remetente legava a seu discípulo o lugar de mestre que ele poderia vir a assumir.

Referências

- A BÍBLIA DE JERUSALÉM. **I Carta de João**. 6. impressão. Nova Edição Revista. São Paulo: Edições Paulinas, 1993.
- ALIGHIERI, D. **A divina comédia**. Tradução e notas de Italo Eugenio Mauro. São Paulo: Editora 34, 1998.
- AQUINO, T. **The summa theologica of St. Thomas Aquinas**. 2. ed. Tradução para o inglês pelos Fathers of the English Dominican Province, 1920. Edição Online de 2008. Disponível em: <<http://www.newadvent.org/summa>>. Acesso em: 26 dez. 2009.
- ASSIS, F. **Carta aos fiéis II**. Disponível em: <<http://www.franciscanos.org.br/v3/carisma/fontesfran/word/CARTA%20AOS%20FIÉIS%20I.doc>>. Acesso em: 26 dez. 2009.
- CASAGRANDE, C. A mulher sob custódia. In: DUBY, G.; PERROT, M. (Ed.). **História das mulheres no ocidente**. Porto: Edições Afrontamento, 1990. (Volume 2: A Idade Média).
- GINZBURG, C. **Mitos, emblemas e sinais: morfologia e história**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- GUSDORF, G. **Professores para quê?** Tradução de João Bénard da Costa e António Ramos Rosa. 2. ed. Lisboa: Moraes editores, 1970.
- HILSDORF, M. L. S. **O aparecimento da escola moderna**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.
- HUIZINGA, J. **O declínio da Idade Média**. Tradução de Augusto Abelaira. São Paulo: Verbo; Edusp, 1978.
- LAUAND, L. J. **O xadrez na Idade Média**. São Paulo: Perspectiva; Edusp, 1988.
- LAUAND, L. J. **Oriente e ocidente: Idade Média: cultura popular estudos e traduções**. São Paulo: Centro de Estudos Árabes/DLO-FFLCH-USP; Edix edições, 1995. (v. 7.)
- LAUAND, L. J. **Medievalia: filosofia, teatro e pedagogia**. Série Acadêmica. São Paulo: Hottopos, 1997.
- LAUAND, L. J. **Deus Ludens - o lúdico no pensamento de Tomás de Aquino e na pedagogia medieval**. Disponível em: <<http://www.hottopos.com/notand7/jeanludus.htm>>. Acesso em: 22 dez. 2009.
- LAUAND, L. J. **500 provérbios portugueses antigos: educação moral, mentalidade e linguagem**. Disponível em: <<http://www.hottopos.com/vdletas4/jeans2.htm>>. Acesso em: 25 dez. 2009.
- LE GOFF, J.; SCHMITT, J.-C. **Dicionário temático do Ocidente Medieval**. Coordenação da Tradução Hilário Franco Júnior. Bauru: Edusc, 2006.
- MIGNOT, A. C. V. Artesãos da palavra: cartas a um prisioneiro político tecem redes de ideias e afetos. In: BASTOS, M. H. C.; CUNHA, M. T. S.; MIGNOT, A. C. V. (Org.). **Destinos das letras: história, educação e escrita epistolar**. Passo Fundo: UPF, 2002. p. 115-136.
- MING, J. **Concupiscence**. The Catholic Encyclopedia. Vol. 4. New York: Robert Appleton Company, 1908. Disponível em: <<http://www.newadvent.org/cathen/04208a.htm>>. Acesso em: 19 dez. 2009.
- NOVOTNÝ, V. **M. Jana Husi Korespondence a dokumenty**. Praga: Komise pro vydávání pramenů náboženského hnutí českého, 1920.
- SCHAFF, D. **John Huss: his life, teachings and death after five hundred years**. Nova York: Charles Scribner and Co., 1915.
- SPINKA, M. **John Hus at the Council of Constance**. New York and London: Columbia University Press, 1965.
- SPINKA, M. **John Hus: a biography**. Princetown, New Jersey: Princetown University Press, 1968.
- SPINKA, M. **The letters of John Hus**. Manchester: Manchester University Press, 1972.
- TUCHMAN, B. W. **Um espelho distante: o terrível século XIV**. Tradução de Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: José Olympio, 1990.
- WORKMAN, H. B.; POPE, R. M. **The letters of John Hus: with introductions and explanatory notes**. Londres: Hodder and Stoughton, 1904.

Received on April 23, 2011.

Accepted on May 20, 2011.

License information: This is an open-access article distributed under the terms of the Creative Commons Attribution License, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the original work is properly cited.

